



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALEXANDRE DE SOUZA FORTIS**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-482

**Entrevistado:** Alexandre de Souza Fortis

**Nascimento:** 22/01/1973

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistador:** Alexandre Luz Alves e Thales Collar

**Data da entrevista:** 03/11/2014

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Alexandre Luz Alves e Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 32 minutos e 40 segundos

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no jiu-jitsu; Influência dos amigos; Sistema de graduação do jiu-jitsu; Competições; Situação do jiu-jitsu no Rio Grande do Sul; Participação das mulheres na modalidade; Preparação de atletas; Relação do jiu-jitsu com o MMA; Evolução do jiu-jitsu.

Porto Alegre, 03 de novembro de 2014. Entrevista com Alexandre de Souza Fortis a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Thales Collar para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Ola, inicialmente gostaríamos de saber como foi a sua inserção no esporte e se o jiu-jitsu foi a primeira modalidade que tu praticou?

A.F. – Eu comecei nas artes marciais com o karatê kyokushin porque existia uma escola bem próxima da onde eu trabalhava na época. Era uma época em que eu tinha dezoito anos, dezessete para dezoito anos. Existiam aqueles problemas de briga, de turmas de colégio, e como eu sempre fui um cara com medo, eu resolvi fazer alguma coisa com que eu pudesse me defender. Comecei no karatê kyokushin, só que com o tempo eu não me adaptei muito, por ser muito rigoroso... O karatê kyokushin ele tem uma história muito forte com a cultura japonesa, e aquilo meio que se contradizia um pouco com a minha ideia de vida, até porque eu nasci aqui. Então a gente tem uma outra maneira de pensar. Eu fiquei um ano sem praticar nenhuma arte marcial e depois conheci o jiu-jitsu e foi que comecei a praticar, isso em 1993. Foi quando eu dei início à prática do jiu-jitsu.

A.A. – Alguém influenciou no início da tua prática de jiu-jitsu? Amigos? Professores? Familiares?

A.F. – Sim. Eu comecei a fazer jiu-jitsu primeiro porque era uma febre na época, principalmente no colégio que eu estudava que era o Colégio Anchieta. Muitos praticavam e naquela época existiam duas escolas apenas. Existia a Sul Jiu-Jitsu<sup>1</sup> e a Winner<sup>2</sup>. Então existia uma rivalidade muito grande uma com a outra. Os poucos campeonatos que tinham eram realizados ou foram realizados no Anchieta, foi aí que eu tive o meu primeiro contato. Eu comecei praticando, foi muito interessante, porque eu tinha dois colegas, um que praticava na Sul Jiu-Jitsu e o outro que praticava na Winner. Naquela tarde, eu estava trabalhando, eu já tinha comprado o meu quimono para começar... O quimono do jiu-jitsu e o do judô são parecidos, mas é bem diferente do karatê. E aí eu liguei para os meus dois

---

<sup>1</sup> Academia Sul Jiu-Jitsu.

<sup>2</sup> Academia Winner Sport e Fitness.

colegas e quem atendeu foi aquele colega que treinava na Winner, e aí desde aquele dia, eu comecei a treinar lá mesmo. Foi exatamente por isso, senão teria ido para outra escola.

A.A. – Ele pratica até hoje? O teu amigo?

A.F. – Não. Nenhum dos dois acredito. Nenhuma dessas duas pessoas que eu liguei praticam ainda. Eu acho que eles devem ter parado de praticar no meio, no amadurecimento até a graduação, é onde eles devem ter parado.

A.A. – Tu pode explicar para a gente como funciona a graduação do jiu-jitsu?

A.F. – A graduação do jiu-jitsu funciona assim: existe a graduação até dezesseis anos e acima de dezesseis anos. Eu vou começar pela minha. Como eu já comecei acima dos dezesseis, ela é: branca, a primeira faixa é a branca, depois a azul, a roxa, a marrom e a preta. Cada faixa demora em torno de dois anos para que, no processo de graduação, tu vá te tornando apto a trocar de faixa. Existem escolas que tem exame e outras escolas que não tem exame, a nossa tem; a nossa é uma escola tradicional. Então ela tem todos os conceitos antigos da luta que é o de defesa pessoal... Os cerimoniais são diferenciados também, ela é muito parecida com o judô, a nossa escola. Quando se trata de criança, abaixo de dezesseis, elas começam com a branca, com a cinza, com a amarela, com a laranja, com a verde, aí depois eles entram na azul, roxa, marrom e preta. Então eles têm aquele processo... Às vezes há uma dificuldade, pela criança começar muito cedo, aí dá uma mesclada nas faixas até a poder chegar nos dezesseis anos, na idade certa de pegar a faixa azul. Então existem escolas que tem uma característica e tem escolas que tem outra característica, mas são muito parecidas.

A.A. – Como era a escola onde tu iniciou? A situação? As condições da escola? Como ela era?

A.F. – Era o início... A gente tinha naquela época, acredito que existiam mais escolas do que realmente essas duas que eu falei para vocês, mas eram coisas bem pequenas, era uma garagem onde o pessoal treinava. A nossa escola já foi uma escola organizada, que começou com tatame grande, já começou com toda uma estrutura voltada para o atleta. A

gente tinha junto a academia, a gente tinha musculação também. Só que não existia o link, existia a musculação, mas não existia aquele link de preparação física. Eram duas coisas distintas, era o jiu-jitsu a prática e a musculação, não existia aquela interação. Era uma academia bem bacana, tinha estrutura, ela existe até hoje. Ela já mudou.. No começo era na rua Bagé, ali no bairro Petrópolis. Aí depois da Bagé ela foi para a Carlos Gomes e agora ela é na Miguel Tostes. E ela continua com a sua mesma estrutura. É uma academia de musculação junto com jiu-jitsu e outras artes marciais.

A.A. – Existia alguma instituição, alguma federação que coordenava essa academia? Ou as academias de jiu-jitsu na época?

A.F. – Existe uma federação mais antiga que é a Federação Gaúcha de Jiu-Jitsu, que existe até hoje. Ela sempre teve um trabalho muito forte no desenvolvimento do jiu-jitsu. Mas chegou uma época que por brigas políticas que se fundou uma outra federação, e hoje no Estado a gente tem duas. Uma um pouco maior que a outra, mas tanto uma como a outra fazem um bom trabalho em prol do esporte.

A.A. – Sabe mais ou menos quando foi a fundação de cada uma?

A.F. – Eu acredito que a primeira, a Federação Gaúcha de Jiu Jitsu, deve ter sido um pouco antes de eu ter começado, porque eu fui treinar em uma sexta feira e no sábado tinha um campeonato. Para se realizar o campeonato deveria ter uma federação, então ela deveria ter sido anterior ao inicio da minha prática.

T.C. – Como eram as competições?

A.F. – Eram pequenas, tinham poucas lutas... Existia aquela rivalidade, era uma coisa meio preocupante na época. Existia muito: “A minha academia é melhor que a tua, vocês vão ver, porque a gente vai brigar...”. E era muito ruim para mim, porque esses caras que queriam brigar com a gente eram os meus colegas no colégio. Era contraditório nós sermos de equipes rivais, mas ao mesmo tempo ter sido colegas. Então aquilo era um pouco ruim. Mas acredito que aquilo também fez parte do desenvolvimento do esporte, ou talvez pudesse ter sido de uma maneira mais saudável, mas foi daquela forma. E hoje acredito

que o jiu-jitsu está deste tamanho graças as nossas conquistas até na maneira de se lidarem com os outros.

A.A. – Tu teve apoio/auxílio de algum clube ou instituição “nesse período de maturação” como tu mesmo disse?

A.F. – Durante todo o meu desenvolvimento no jiu jitsu acredito que o lugar que mais me deu apoio foi aqui, a universidade. Não financeiro, a universidade nunca me deu um suporte financeiro, até porque quando eu comecei a treinar aqui eu não era aluno. Mas ela sempre me ofereceu esse lugar muito bom de treinar, então, isso é uma coisa muito vantajosa. A gente sempre teve essa oportunidade de poder treinar em um bom ambiente, então se algum clube me deu... Algum clube, alguma entidade, foi a Universidade Federal<sup>3</sup> que me auxiliou na prática em um dos melhores lugares que tem para treinar.

T.C. – Qual era a tua idade quando tu começou?

A.F. – Quando eu comecei a treinar eu tinha dezessete para dezoito. Ou dezoito para dezenove, mais ou menos nessa época.

A.A. – Quanto tempo de karatê mais ou menos tu teve?

A.F. – Pouco tempo, eu tive um ano, um ano e dois meses por aí. Eu fiquei um ano parado, e aí depois eu comecei no jiu-jitsu.

A.A. – Como era a situação do jiu-jitsu no Rio Grande do Sul quando tu começou? E se tu vê que essas condições se modificaram ao longo desse período?

A.F. – O jiu-jitsu era, como eu falei no começo, existiam duas grandes academias: a Winner e a Sul Jiu-Jitsu. Mas devia existir outras, muitas oriundas das academias de judô... Eu acho que existia em outros lugares focos onde se treinava jiu-jitsu no Estado inteiro. A gente sabia assim: “Ah! Lá em Pelotas...”. Por falar nisso, lá em Pelotas tem um grande

---

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mestre, um dos mais graduados no esporte. Eu não me lembro se ele veio antes dessa data que eu comecei ou posterior a essa data, mas acredito que ele deve ter trabalhado lá... Ele fundou lá a sua entidade, o nome dele é... A gente chama de mestre Júlio Secco, ele é muito antigo no esporte, então, lá deveria ter um foco grande. E acredito que devia ter nas cidades próximas, porque os alunos iam lá, iam aprendendo, difundindo e assim começou o jiu-jitsu. Em pequenas unidades fora da metrópole, em pequenos lugares, mas hoje ela é... Tu encontra academia gigantes em tudo que é lugar.

A.A. – Tu comentou a proximidade do judô e jiu-jitsu. Tu chegou a praticar judô em algum momento da tua vida?

A.F. – Eu pratico judô. Eu praticava judô junto com jiu-jitsu quando eu comecei, porque a gente tinha dois professores. Um que era só da área do jiu-jitsu e outro que vinha do judô, então, o que vinha do judô acabava passando as técnicas de projeções. Ali eu comecei a desenvolver, mas não com a metodologia do judô. Passados uns anos eu já era faixa preta... Um dos grandes professores de judô do Estado que é o Cláudio Martins, ele foi formado aqui na universidade, ele foi me procurar... Ele passando na frente da minha academia, viu, entrou e a gente começou uma amizade e desde então eu comecei a fazer judô. Hoje eu faço judô pela universidade, não sou graduado faixa preta, mas eu participo das competições sempre representando a instituição.

A.A. – Sobre a participação das mulheres, existiam ou existem mulheres praticando ou competindo jiu-jitsu?

A.F. – Nós. Eu particularmente tenho muitas meninas e mulheres treinando junto comigo e como a gente tem o foco da defesa pessoal dentro da nossa escola, isso traz um atrativo para elas. Mas é um esporte um pouco polêmico pelo contato físico, então, em um primeiro momento tinha poucas mulheres praticando. Hoje a gente pode colocar em torno de 20% do pessoal que treina é feminino. Eu ainda acho que não é muita gente, mas com o tempo a gente vai conseguindo melhorar. Hoje a gente tem no Estado três ou quatro mulheres faixas pretas, então, se elas começarem um trabalho há longo prazo, pode ser que a gente consiga ter mais mulheres praticando. Mas acredito também que só não tem mais, porque



jiu-jitsu tem pouca iniciação com a criançada. Se a gente tivesse mais iniciação com a criançada a gente teria muito mais mulheres praticando.

A.A. – No período em que tu iniciou a tua prática existia mulheres treinando naquela época? Ou competindo?

A.F. – Existia. Competindo muito poucas, a gente tinha na nossa academia uma ou duas em um universo de cem alunos. Hoje, tu imagina, na minha academia são quarenta alunos, desses quarenta, doze são mulheres. E eu tenho meninas de oito anos e senhoras de sessenta anos, todas elas praticando. Claro cada uma pratica de acordo com a sua condição física e com aquilo que a gente propôs a passar. E temos aqui dentro da universidade também, agora entrou nesse semestre uma mulher, a Jessica<sup>4</sup> que ela é multicampeã no jiu-jitsu, então ela é um dos expoentes do Estado nas competições. Já viajou para fora do Brasil, então acredito que o jiu-jitsu tem tido essa melhora significativa em relação à participação das mulheres nas competições.

A.A. – Tu tem conhecimento de como era o desenvolvimento de outras modalidades de lutas no Rio Grande do Sul? E se tinha a participação de mulheres nessas outras modalidades?

A.F. – Acredito que a que menos tem ou tenha tido é o jiu-jitsu. Talvez o percentual não chegue a ser 50% das outras artes marciais, mas a participação feminina é muito maior. A gente tem o karatê, o judô, tem o taekwondo, todos eles têm a iniciação muito precoce. Na prática isso faz com que entrem meninos e meninas lá no começo e aí o gosto vai se aprimorando desde pequeno. Então faz com que tenha mais... E hoje se tu for olhar uma prática de karatê, tu vê, acredito mais mulheres do que tem no jiu-jitsu.

A.A. – Qual é a tua graduação e como foi o processo até atingir?

A.F. – Eu tenho três graus na minha faixa preta, me formei em 2002. A cada três anos se a gente continuar treinando, se continuar fazendo atividades em prol do esporte a gente

---

<sup>4</sup> Jessica Valim Teixeira.

acaba se graduando. Mas a minha graduação, a nossa, da nossa escola, é muito... É um processo de aprendizado, a gente tem que fazer uma prova... É como a do judô, muito parecida, a gente tem que participar de eventos, tem que organizar eventos, tem que arbitrar outros e aí chega um momento certo onde a gente vai fazer a apresentação. Na maioria das vezes tu não roda nesta apresentação, tu só vai lá e concretiza a tua faixa em um evento, como uma formatura. Tu chega lá, tu já te formou, tu chega lá e faz a cerimônia do evento. A nossa escola é bem bacana... Esse tipo de evento, a gente tem feito há anos aqui na universidade no Ginásio Dois<sup>5</sup>. Hoje a gente está dividindo, são muitas pessoas e é um evento para a comunidade... A gente tenta mostrar o que a gente passa, sempre buscando os fundamentos, que são os fundamentos da defesa pessoal.

A.A. – Tu teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que foram para competições nacionais, continentais ou internacionais?

A.F. – Tive, mas não com a ciência ao lado. Hoje a gente desenvolve um trabalho em que se tenta buscar tudo que é de fundamental que a ciência proporciona. Naquela época não tinha isso, naquela época a gente tomava água só quando o professor achava que tinha que tomar. Hoje a gente sabe que é errado e tem que se hidratar durante a prática, ainda mais nesses dias quentes. A gente não podia tirar a parte de cima do quimono em um dia quente, hoje a gente sabe a necessidade de ter a troca de calor. Eu acredito que naquela época a gente treinava visando um campeonato, aumentava o volume de treinamento, mas não com a qualidade que hoje, através da ciência a gente pode proporcionar ao aluno.

T.C. – Dentre esses fatores que tu mostrou da evolução, teriam outros que evoluíram bastante no jiu jitsu?

A.F. – Existe muito, a internet ela aproximou muito o conhecimento. Hoje, se a gente quiser passar vendo lutas, eventos dos melhores lutadores do mundo, a gente tem em tempo real e isso é muito importante, porque tu pode ver o que está acontecendo competitivamente e era uma coisa que a gente não sabia. Por um lado é bom para nós que não estamos competindo naquele evento, mas para aquele que está competindo já começa a

---

<sup>5</sup> Ginásio localizado Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

complicar, porque todo mundo sabe como é que ele luta. Isso não existia antes, era difícil. “Ah! Eu vou lutar com um cara, um paulista”. Mas aí saber o que ele sabia, a técnica que ele usava, por conversa com outra pessoa, não vendo... E hoje em dia fica muito mais fácil. Quer aprender alguma técnica de algum tipo de movimento, tu pode aprender na internet. Claro que tu precisa do professor para te auxiliar, para ver se aquele movimento que tu quer fazer tu está apto a fazer. Mas mesmo assim fica mais fácil o aprendizado, tu pode buscar ali.

T.C. – Tu comentou a questão do “paulista” e as diferentes regiões. Tinha alguma questão de bairrismo? De uma equipe não se relacionar com a outra? Aquelas rixas? Tinha a questão de outros Estados e o Rio Grande do Sul contra...

A.F. – Eu vi muito pouco isso, era muito mais Estado, briga interna no Estado do que realmente fora. Até de muito a gente mesmo brigando... Não dá para usar esse termo, competindo um com o outro, mas nunca houve “vias de fato”. Até algumas pessoas acabaram indo brigar, mas é um percentual muito pequeno perto do que viria a acontecer. Mas quando a gente ia para fora era muito bem recebido, eu pelo menos nas minhas andanças não vi isso.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico ou outras participações dentro do jiu-jitsu.

A.F. – Eu quando me formei no jiu-jitsu lá em 2002... Eu já dava aula anteriormente, porque a nossa escola ela produz o professor através da prática, não produz só o aluno. É durante a prática, vocês vão chegar ali, vai ter alunos dando aula para outros alunos, isso vai sempre formando o professor, a sua prática. Eu sempre fui desenvolvido a vir a ser professor, porque eu tenho uma facilidade muito grande em me comunicar e isso é importante quando tu está dando aula. Vai muita gente ali e, às vezes, fica com um pouco de medo de treinar; às vezes não sabe o que pode vir a encontrar, tem vontade mas tem medo. Eu acredito que eu sempre fui talhado a resolver esse tipo de problema e eu acabei me tornando professor. Eu sou o líder da nossa escola até por ser o mais velho, o mais graduado. Vai chegar o momento que eu tenho que passar essa bola para alguém, mas é uma coisa complicada, porque tu tem que ter alguém que se relacione bem com todo

mundo. E também saiba ouvir certas coisas e não ouvir outras, porque existe muita conversa inadequada nesse meio... Pessoas que não entendem que é uma prática de longo prazo, que é uma prática vitalícia, que tu vai treinar durante a tua vida toda. Onde tu tem que preservar o respeito entre os colegas... E eu acho que por isso a gente desenvolveu um lado mais tranquilo do jiu-jitsu, a gente foi para um lado mais devagar da competição e esse lado abre portas para a gente trabalhar em entidades filantrópicas, trabalhar em colégios. Já tem uma outra coisa do jiu-jitsu que é aquela parte mais educativa, pedagógica, do que a parte esportiva. Eu acabei trabalhando em todos esses âmbitos e acredito que com o passar do tempo nós teremos pessoas mais capacitadas, porque hoje a gente tem uma união de muitos ex-atletas e a gente sabe o que tem que ser ensinado, o que não tem que ser ensinado, qual o momento, como tem que se portar, quais os lugares que a gente vai ir, quais são os lugares que não é importante a gente ir. Então eu acredito que por isso a gente tem desenvolvido um trabalho mais bacana nessa área.

A.A. – Quais momentos/eventos da sua vida no jiu-jitsu que você destacaria?

A.F. – A minha graduação foi um momento muito bacana, quando eu me tornei faixa preta. Alguns eventos de competição também são marcantes assim, lutas. Talvez as mais importantes foram aquelas que eu perdi, nem foram as que eu ganhei, porque na derrota que a gente aprende o que realmente tem que mudar, o que devemos fazer ou até mesmo entender o que está acontecendo. Mas também o fato de estar aqui dando essa aula no projeto de extensão é uma coisa muito bacana para mim e para o jiu-jitsu. Hoje a gente tem um referencial, qualquer pessoa que vem no Estado sabe que aqui vai ter um treino bom. E isso era uma coisa que, junto que com o professor Alexandre Nunes<sup>6</sup>, que é responsável pelo Projeto Bugre Lucena... Ele disse uma vez para mim que o treino mais forte que existe no Japão no judô é dentro da Academia de Polícia, isso é um referencial muito bom, tu saber que onde treinam aqueles caras que são responsáveis pela segurança é onde tem o judô mais forte. Então eu falei: “Sensei, eu gostaria que a gente tentasse fazer isso com a universidade, para o pessoal vir de fora, de qualquer lugar, pudesse ter um treino bom e adequado para todo mundo. Não só forte, claro que vai vir atletas, mas vai vir também aquele que não é atleta. Aquele que vem aqui para conhecer, para ser bem tratado.” A

---

<sup>6</sup> Alexandre Velly Nunes.

nossa ideia no futuro, estando aqui dentro da universidade, é propor algo que englobe todos os sentidos da arte marcial, tanto esportivo, quanto do praticante.

T.C. – Tu comentou a história do judô e jiu-jitsu. Agora a gente vê muito o MMA<sup>7</sup>, o próprio UFC<sup>8</sup>, que no início o jiu-jitsu era a parte principal. Tu chegou a ver alguma coisa de treino, lutas, campeonatos jiu-jitsu contra judô, jiu-jitsu contra karatê?

A.F. – Isso é uma coisa que no começo era muito evidente. O jiu-jitsu para ele se colocar como arte marcial ele teve que fazer isso. Não só ele como muitas outras artes marciais se difundiram dessa forma, desafiando outras, para ver qual que era a melhor ou qual que era a mais eficiente. O jiu-jitsu teve uma vantagem em boa parte da sua história, porque ela se desenvolve no chão e era a única. Se desenvolvia quase que na sua totalidade no chão e isso deu muita ênfase. Hoje se tu vai olhar o Vale Tudo, tu pode ter um cara que faz karatê e outro que faz muay thai, pode ter um que faz judô e outro que faz wrestling, mas todos fazem jiu-jitsu. O jiu-jitsu é uma das artes obrigatórias no MMA, porque desenvolve toda a parte de chão e aí tu completa o atleta com as outras. É difícil tu encontrar um cara que vai lutar MMA que não saiba jiu-jitsu. Então o jiu-jitsu começou dessa forma, tentando mostrar a sua eficiência contra outras artes marciais, e realmente mostrou a supremacia no solo, por isso ela é tão usada por todos os atletas hoje que fazem MMA. Claro que não é o jiu-jitsu que a gente ensina aqui, ele é um jiu-jitsu um pouco diferente, mas é o jiu-jitsu, com as suas finalizações, com as suas movimentações.

A.A. – Pontue essas diferenças que tu comentou agora com relação ao jiu-jitsu competitivo utilizado no MMA e o jiu-jitsu que tu prega na tua escola.

A.F. – O jiu-jitsu do MMA... Vamos pensar assim, o jiu-jitsu do MMA ele é mais parecido com a nossa escola do que o jiu-jitsu de competição. O jiu-jitsu de competição, que a gente tem também dentro da nossa escola, ele é muito evoluído. Evoluído em questões assim de movimentações, de lapelas, que é a parte do casaco, onde o cara envolve por um lado, envolve pelo outro, onde se faz movimentos muito eficientes que em uma luta de Vale Tudo não poderia ser feito, porque ofereceria vulnerabilidade para o cara que estivesse em

---

<sup>7</sup> Artes Marciais Mistas.

<sup>8</sup> Ultimate Fighting Championship.

baixo. Já o jiu-jitsu voltado para o MMA é um jiu-jitsu que tu tem que te defender, muitas vezes quando tu está com as costas no chão, saber se defender, achar o momento certo de se levantar e quando estiver por cima, tentar transpor a guarda do colega. Então o jiu-jitsu sem quimono ele é mais básico do que o jiu-jitsu competitivo atualmente. Mas todos eles estão dentro da prática do jiu-jitsu, uns com uma ênfase maior em uma área e outros na outra. Nós aqui estamos desenvolvendo um trabalho onde se faz muito da parte do jiu-jitsu sem o quimono. Quando tu tira o quimono modifica muito a prática, porque não tem mais a pegada. A qualidade da pegada no quimono ela é fundamental, tanto no jiu-jitsu quanto no judô, porque dependendo do jeito que tu pegar, ali tu vai projetar o colega, vai projetar ou vai se defender. Quando tu não tem o quimono, tu perde aquilo ali, tu perde muitas movimentações, tu perde muitas finalizações, tu passa a ter uma gama menor de ataques. E aí, o que acontece? Quando tu tem uma gama menor de ataques tu tem que priorizar pela técnica daquele movimento. Eu acho que diminui o número de técnicas sem quimono, só que o refino, a percepção, acaba tendo que ser diferenciada para que a execução da técnica seja melhorada.

T.C. – Sobre o jiu-jitsu sem quimono teve alguma fase que foi marcante, que talvez o pessoal tenha começado a praticar mais sem quimono? Ou não?

A.F. – Isso foi marcante na nossa escola, porque até hoje... No dia 15 de novembro o Fabrício Werдум vai lutar pelo cinturão e foi meu colega... Quem deu a primeira aula de jiu-jitsu para ele fui eu. Ele é meu amigo, a gente pegou a faixa preta no mesmo dia. Quando ele começou a treinar, ele já se despontava como um grande atleta, ele ganhou títulos mundiais de quimono, ele ganhou títulos internacionais sem quimono... Quando ele começou a ir atrás desses resultados, dessas competições, a gente também começou a treinar de acordo com o que ele precisava. Então a nossa escola... Uma época, a gente saiu um pouco do com quimono e começamos a focar no sem quimono para ajudá-lo nesse desenvolvimento. E hoje graças a Deus ele alcançou a glória no esporte, espero que ele ganhe no dia 15 para conseguir o cinturão que ele sempre almejou. Foi um grande diferencial quando a gente começou, mas hoje se eu for treinar com ele, ele já está muitos passos na nossa frente. Em relação às técnicas, as técnicas são as mesmas, só que como tu chega nessa técnica é que muda quando tu vira profissional. Talvez tu faça menos força, talvez tu vá por um atalho que eu não tenho a percepção de ver, porque eu não tenho essa

prática tão refinada quanto a dele. Mas em determinada época a gente treinou muito visando essas competições que ele foi buscar.

T.C. – E num cenário mais global? Falando de forma mais geral do jiu-jitsu, em algum outro momento houve essa prática sem quimono?

A.F. – Esse momento é agora, esse momento do MMA, do jiu-jitsu sem quimono ele está tendo a sua expansão agora. Hoje a gente tem no Estado algumas academias que desenvolvem o treino de MMA. E o que acontece? No MMA o atleta luta uma, duas, três lutas por ano, talvez mais. Mas ele também precisa melhorar seu aprendizado nas práticas de jiu-jitsu sem quimono, então hoje a Federação Gaúcha também oferece o campeonato sem quimono. Existem campeonatos mundiais sem quimono, existem campeonatos brasileiros sem quimono, isso faz com que aumente a qualidade técnica pela prática e também aumente a probabilidade de novos talentos do jiu-jitsu sem quimono irem para o MMA. Eu acho que o “boom” é agora.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos tu gostaria de deixar registrado?

A.F. – O que eu acho interessante registrar a respeito do jiu-jitsu é que o jiu-jitsu ele primeiro foi marginalizado por muito tempo, todo mundo falava em jiu-jitsu, imaginava o cara com a orelha de repolho, imaginava aquele cara que briga na rua. Mas isso, o negócio de brigar na rua é uma coisa que é da pessoa, é daquilo que ele traz dentro de si, dentro de suas próprias dificuldades. O jiu-jitsu, se ele não for bem orientado, não só o jiu-jitsu, qualquer arte marcial se não for bem orientada ela pode fazer com que o praticante acabe indo para esse lado, que não é muito... Ou melhor, não tem nada de importante, no momento que o cara briga na rua é um problema para a arte marcial, é um problema para a sociedade. Então eu queria que aquela pessoa que fosse procurar a prática do jiu-jitsu, que se interessasse, fosse ver quem ele vai treinar. Como é essa escola, será que ela está adequada com aquilo que ele realmente quer, aquilo que for a cultura dele. Por que tem pessoas que tem uma maneira de viver e tem outras que tem outra, então tu vai te adaptar em certos lugares... Eu acho que o mais importante que eu quero deixar é que o jiu-jitsu é uma prática para a vida toda, primeiro tu tem que se sentir bem onde tu está treinando. E acho interessante também tu querer que teu professor esteja sempre buscando mais

conhecimento, porque conhecimento técnico é uma coisa técnica que tu acaba desenvolvendo dentro da sua própria academia. Mas o desenvolvimento dos professores tem que ser sempre buscado, porque em cima desse desenvolvimento que vai melhorar todo um conteúdo da prática. Uma coisa é eu estar fazendo jiu-jitsu com trinta e outra coisa é eu estar fazendo com sessenta, com trinta eu vou aprender uma coisa e com sessenta eu vou aprender outra, então só o estudo vai te dar essa vivência maior e essa experiência. Eu acho que quando o cara for buscar orientação para a prática de uma arte marcial, procure saber quem é o professor, procure saber qual é a sua história, para ver se ele vai poder dar continuidade nesse ensinamento. Eu digo para os meus alunos assim: “Tu tem que ver, quando tu for aprender alguma coisa aqui, tu tem que ver se isso vai servir para todos os entes queridos da tua família, aí tá no caminho certo. O jiu-jitsu é uma arte de defesa pessoal, então primeiro tem que pensar nisso.”

A.A. – Em nome do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade.

A.F. – Quando precisar, estamos aí gurizada. Só colocar o quimono ali e treinar.

A.A. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]